

PALCO

JUIZ DE FORA, AGOSTO, 2010. ANO II, Nº 17

ACERVOS HISTÓRIA PRESERVADA

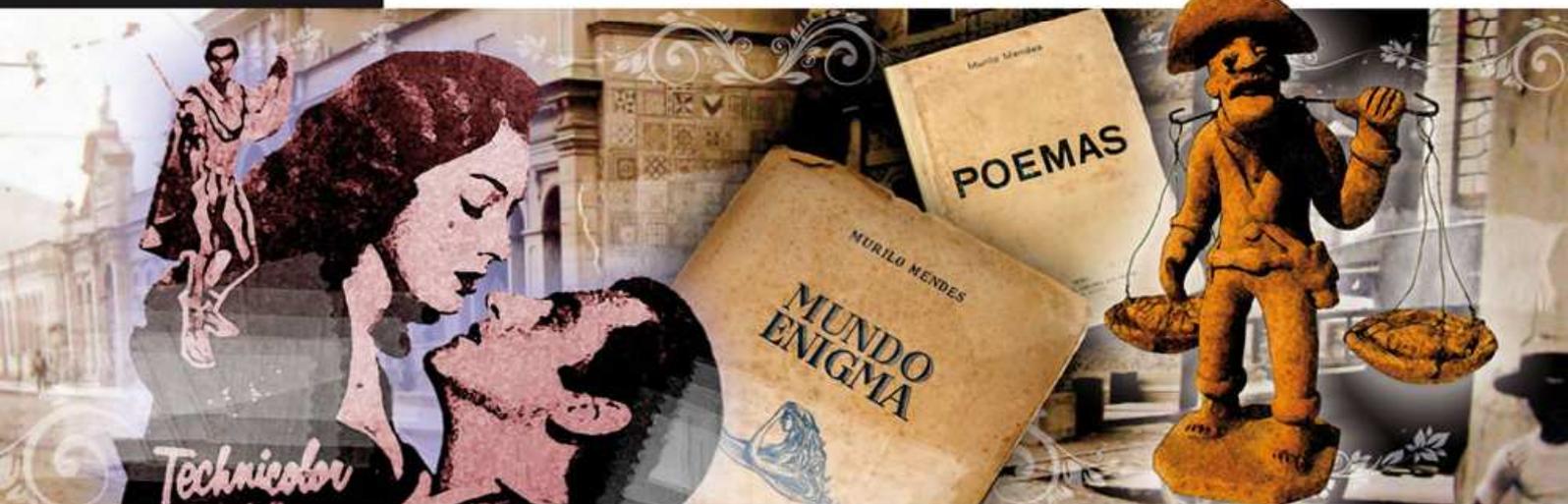
Numa cidade tradicionalmente vocacionada para a cultura, a Universidade Federal de Juiz de Fora atua no sentido de resgatar a memória social e preservar o patrimônio cultural do município. Entre seus diversos acervos, destacam-se o Arquivo Histórico, o Museu de Cultura Popular do Forum da Cultura e a Biblioteca Poliedro do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), por abrigarem "pedacinhos" da História em forma de quadros, livros, documentos e uma diversidade de outros objetos que ajudam a manter viva a memória de Juiz de Fora.

MUSEU DE CULTURA POPULAR

Com 2 mil e 400 peças provenientes de diversas regiões do país e do exterior, o Museu de Cultura Popular

nacional, e a Coleção Bibliográfica Dr. Mozart Teixeira, que conta com aproximadamente 2 mil peças, entre livros e periódicos. Segundo Galba, esta última coleção "constitui um monumento representativo do ambiente intelectual das décadas de 60 e 70 do século XX".

Outras unidades de destaque são os fundos do Fórum Benjamin Colucci, do jornalista Albino Esteves, da Associação Beneficente dos Irmãos Artistas, da Associação Beneficente Ítalo-Brasileira Anita Garibaldi, da Companhia Têxtil Bernardo Mascarenhas, da Cine-Theatro Central e da Construtora Pantaleone Arcuri. O Arquivo é consultado por estudantes e professores de diversas áreas, além de juizes, advogados, promotores e cidadãos procurando a defesa de seus direitos.



NESTA EDIÇÃO

JUIZ DE FORA
A ESTAÇÃO DA
HISTÓRIA

PERFIL
JORGE COURI E O
FOTOJORNALISMO

PORTINARI
SÍNTESE MODERNA

MARCELO MISAILIDIS
A TRAJETÓRIA DO
BAILARINO

DIÁLOGOS ABERTOS
A MEMÓRIA DA
CIDADE

remonta ao antigo Museu do Folclore, criado em 12 de março de 1965 – data que marcou o centenário do folclorista Lindolfo Gomes, patrono da instituição. Cinco anos depois, o museu transferiu-se para o Forum da Cultura e, em 1987, teve suas obras doadas à UFJF.

As peças chegam sempre por doação. Cerâmicas, brinquedos, imagens religiosas, trançados, tecidos e objetos de conter compõem o variado acervo, no qual merecem destaque os mais de 40 presépios. Há peças únicas, como o presépio de bolas de gude feito por Cícero Campos, de Divinópolis. As obras são exibidas em exposições mensais, cujo público-alvo são as escolas. As professoras aproveitam datas comemorativas, como as tradicionais festas juninas ou o Dia do Índio, para ensinar fora do espaço de sala de aula.

ARQUIVO HISTÓRICO

O Arquivo Histórico da UFJF foi inaugurado, em 1985, com a proposta de se tornar um centro de documentação e memória que contribuisse para o ensino, a pesquisa e a extensão em história do Brasil. "Toda a documentação em caráter permanente é patrimônio da nação brasileira e, se não preservarmos esse material, não teremos memória nem identidade", sentencia o diretor do arquivo e professor Galba Di Mambro. As peças são divididas em quatro categorias: fundos arquivísticos, coleções bibliográficas, coleções de documentos textuais e de documentos de gênero especial.

Entre elas, Galba aponta a relevância da coleção geral de obras do Arquivo, que contém cerca de 4 mil títulos de interesse para a pesquisa em História do Brasil, especialmente no que concerne a Juiz de Fora e Minas Gerais. Já em relação às coleções bibliográficas particulares, destacam-se a de Odilon Braga, constituída pela biblioteca do político e intelectual de participação expressiva no cenário

BIBLIOTECA POLIEDRO

A Biblioteca Poliedro data do antigo Centro de Estudos Literários Murilo Mendes, hoje MAMM, que começou a se formar em 1977 a partir de doação feita por Maria da Saudade, viúva do poeta. Naquele ano, a UFJF recebeu 2.887 livros que pertenciam à biblioteca particular de Murilo, além de cartas que ele trocava com outros intelectuais e artistas de sua época. "Temos livros muito raros, do século XVII, algumas edições-príncipes [denominação dada à primeira edição de uma obra], capas luxuosas, livros com ilustradores famosos, ilustrações raras com xilogravuras", enumera a bibliotecária do MAMM, Maria Helena Sleutjes.

Atualmente, o acervo conta também com as bibliotecas do artista plástico João Guimarães Vieira, do engenheiro Arthur Arcuri e dos escritores Gilberto e Cosette de Alencar. Por possuir obras de caráter raro, a biblioteca não realiza empréstimos. "Temos duas preocupações difíceis de ser conciliadas: preservar e disseminar", justifica Maria Helena. "Embora essas sejam metas aparentemente opostas, ambas se fazem necessárias", explica. As consultas são feitas no MAMM, predominantemente por doutorandos, mestrandos, estudantes de graduação e de especialização.

Além do material da Biblioteca Poliedro, o museu possui acervo iconográfico de aproximadamente 300 obras, das quais 199 faziam parte da coleção particular de Murilo Mendes. Há, ainda, objetos pessoais do poeta, como retratos de família, saboneteira e crucifixos que, carregados de valor simbólico, têm o poder de transmitir às gerações posteriores um pouco do que foi a vida desse grande intelectual juizforano.



JUIZ DE FORA HISTÓRIA SOBRE TRILHOS

O transporte sempre foi uma das grandes preocupações do homem. A história de rodas sobre trilhos tem início na Inglaterra, em 1765, quando vagões com rodas de ferro sobre trilhos de madeira eram puxados por cavalos para o transporte de minérios.

A revolução Industrial inglesa trouxe acúmulo de riquezas e ampliou o mercado consumidor. A necessidade de transportes mais rápidos e econômicos propiciou evolução da locomotiva a vapor, carinhosamente conhecida como Maria-fumaça. Não demorou muito para que a novidade chegasse ao Brasil. Coube a Irineu Evangelista de Souza – o Barão de Mauá – o privilégio de implantar as vias férreas no país.

A Estrada de Ferro D. Pedro II, terceira a ser implantada no país, destacou-se durante o período imperial como a ferrovia de integração nacional, ampliando a comunicação impulsionada pela expansão da economia cafeeira. Com a Proclamação da República, passou a chamar-se Estrada de Ferro Central do Brasil – EFCB, totalizando 10 mil quilômetros de extensão.

A CHEGADA DO SURTO FERROVIÁRIO

Mariano Procópio decidiu construir a primeira estação de Juiz de Fora próxima às oficinas da Companhia União e Indústria, fato que causou indignação na população, pois a estação ficaria distante do centro de desenvolvimento da cidade. Moradores da região central se reuniram e, após doações financeiras, conseguiram comprar o terreno em que hoje se localiza a Estação da Estrada de Ferro Central do Brasil. No largo da estação foram construídos hotéis, o edifício da Associação Comercial e, nas imediações, várias indústrias.

Pertencente à malha da EFCB, foi inaugurada em Juiz de Fora a sede da Estação da Estrada de Ferro Leopoldina que, após dez anos

funcionando com sucesso, passou por fases difíceis de existência. Na época em que era moda viajar de trem não era apenas a vida política e econômica que passava por ali. A história de pessoas anônimas se escrevia nessa estação em que, hoje, está o Museu Ferroviário de Juiz de Fora. Na última saída do trem da Leopoldina, no dia 31 de janeiro de 1972, mais de cem pessoas lotaram os carros da locomotiva em sua viagem de despedida. Apitos, lenços acenados e muita tristeza marcaram esse dia de adeus.

A Estrada de Ferro Central do Brasil já havia sido incorporada pela Rede Ferroviária Federal na tentativa de dar novo impulso ao sistema ferroviário no país. Em 1992, a Rede foi incluída no Programa Nacional de Desestatização. O modelo adotado previu a transferência dos serviços de transporte ferroviário para a iniciativa privada, mediante concessão. O patrimônio que pertenceu à extinta RFFSA/SA foi transferido para a União.

A intenção é adaptar os espaços a programas turísticos/culturais a exemplo do Museu Ferroviário do Juiz de Fora, que conta a história da ferrovia através de seu acervo – mobiliário, equipamentos, miniaturas, maquetes, instrumentos de comunicação, locomotivas, fotografias e livros – distribuídos em cinco salas temáticas. Os antigos armazéns abrigam uma sala multimeios e um anfiteatro. O visitante pode, ainda, ver de perto duas locomotivas de bitola estreita ao lado da linha férrea atual.

O prédio e o acervo do Museu foram tombados pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA), sendo a edificação preservada também pela Municipalidade, com a ideia de manter viva a marca da ferrovia na história da cidade.

Ana Maria Ribeiro de Oliveira
Diretora do Museu Ferroviário de Juiz de Fora

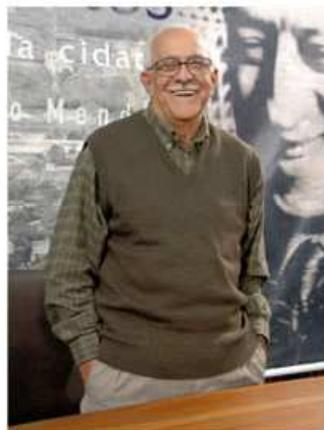
PERFIL JORGE COURI

É em uma pequena caixa para papel fotográfico que Jorge Couri guarda algumas lembranças de sua carreira. Entre recortes de jornal e fotografias desgastadas está uma imagem especial: uma moça e uma pomba em um desfile da Olimpíada Universitária. “Se fosse escolher uma fotografia que representasse minha carreira seria essa”, disse o fotógrafo. Para Jorge foi questão de sorte. “Vi essa moça com a pomba na mão e perguntei ao coordenador onde ela a soltaria. A minha sorte foi bater a foto no momento em que a moça soltou a pomba”, conta.

Com 80 anos recém-completados, Jorge iniciou a carreira em 1948, incentivado pelo irmão José Constantino Couri, que também era fotógrafo. Passou grande parte de sua carreira nos jornais *Diário Mercantil* e *Diário da Tarde* (dos *Diários Associados*) e trabalhou ainda na *Tribuna de Minas* e no *Hoje em Dia*, de Belo Horizonte.

A maior decepção de sua carreira foi o fechamento dos *Diários Associados* em Juiz de Fora no início da década de 1980. “No último dia de novembro, o jornal estava pronto, mas dois espaços estavam em branco: um na capa e o outro na última página. Ninguém sabia o que era. De madrugada, chegou de Belo Horizonte um fotolito noticiando o fechamento do jornal”, lembra-se. A notícia pegou todos de surpresa. “O jornal era uma família. Chegava sábado, meio-dia, juntava a turma toda para tomar cerveja e bater papo”, conta.

Após o fechamento, Jorge ia à redação organizar seu material, mas um dia não o deixaram entrar. “Perdi meu arquivo todo. Levaram tudo para Belo Horizonte. Depois de muito tempo, o *Estado de Minas*



enviou as fotos para a Funalfa. Um dia me chamaram para catalogar, mas não consegui”, disse.

Por onde passou, Jorge deixou lembranças e ensinou a muita gente. “Tudo o que sei sobre fotografia agradeço ao Jorge. Ele foi um excelente profissional, ótimo repórter fotográfico, amigo, único”, lembra-se o fotógrafo Roberto Fulgêncio, hoje editor de fotografia do jornal *Tribuna de Minas*. Para o jornalista Wilson Cid, Jorge Couri é a figura mais importante do fotojornalismo juiz-forano. “O momento mais importante que eu vivi com Jorge foi a cobertura do Golpe de 1964. Jorge assistiu e registrou os fatos mais importantes de Juiz de Fora e de Minas Gerais. Foi ele quem consolidou o fotojornalismo na cidade”, disse.

Durante a ditadura militar, Jorge chegou a ser preso. Mas um dos episódios mais marcantes de sua carreira foi o incêndio no Clube Juiz de Fora. Em um carnaval, Jorge fazia a cobertura da festa no clube. Ao voltar à redação do jornal para revelar as fotos, percebeu uma movimentação na rua. “Cheguei na janela, olhei para cima e vi o incêndio. Foi no segundo dia de carnaval.”

Jorge Couri é casado há 54 anos com Marilda, com quem teve três filhos. “Eu não mereço uma estátua?”, brinca. Marilda também: “Você já pensou aguentar esse homem 57 anos, três de namoro e 54 de casamento? Ele e a fotografia”.

A fotografia permanece na vida de Jorge Couri, mas ele não se rendeu ao mundo digital. “Com fotografia colorida eu nunca trabalhei, também não sei usar máquina digital. Minha filha quis me dar uma, mas eu prefiro a minha máquina de filme mesmo.”

LB



PORTINARI AS QUATRO ESTAÇÕES

Rua Halfeld com Avenida Rio Branco: o encontro de duas das principais vias da cidade é também onde descobrimos uma das mais belas obras de arte a céu aberto de Juiz de Fora. *As quatro estações* – painel de azulejos do artista plástico Cândido Portinari – dá cor e vida à fachada do Edifício Clube Juiz de Fora.

Encomendado pela Associação Civil Clube de Juiz de Fora, o mural de Portinari trouxe consigo o pensamento moderno, vigente a partir da década de 50, em que arquitetura e artes plásticas convergiam para o mesmo plano. O edifício – considerado, inclusive, um dos marcos desta arquitetura na cidade – foi planejado pelo arquiteto Francisco Bolonha.

Portinari trouxe de Portugal a tradição e a essência de seus painéis, geralmente criados a partir do azulejo branco com pintura em tons de azul. *As quatro estações* é um painel não figurativo projetado em azulejos de 15 x 15cm, em um espaço de aproximadamente 4 x 10m e considerado um dos mais abstratos murais do artista. Segundo a professora Maraliz Christo, o painel *As quatro estações* revela interessante busca de síntese moderna. “É a repetição de um mesmo elemento fitomorfo, um trevo de três folhas, dinamizado pelo movimento de formas brancas e azuis transparentes, alterando a relação figura e fundo, sugerindo o passar das estações.”

Os artistas desta linha, informa Maraliz, em vez de simplesmente reproduzirem uma imagem real, usam jogos de planos, curvas e cores para despertar um sentimento no espectador que pode ser completamente diferente do vivenciado pelo autor durante a produção da obra. Portinari criava os desenhos a lápis, produzia pequenas maquetes com suas ideias para os murais e, posteriormente, as encaminhava para a fábrica artesanal Osiarte de São Paulo, que era a responsável pela pintura nos azulejos. O painel em Juiz de Fora não traz a assinatura do artista, mas recebeu a inscrição “Portinari Execução Osiarte de São Paulo 1956” no canto direito inferior.

Além do painel, o mosaico com o tema “Cavalo”, que ornamenta a fachada do prédio voltado para a Rua Halfeld, também é de autoria de

Portinari. Os pequenos painéis de pastilhas de cerâmica enfeitam o peitoril das janelas do 3º ao 13º andar, com a repetição da mesma imagem do animal: ora para a esquerda, ora para a direita.

O ARTISTA

Cândido Torquato Portinari nasceu em São Paulo em 1903. Ainda na infância descobriu seu talento para as artes e partiu para o Rio de Janeiro, onde ingressou na Escola Nacional de Belas Artes. Mais tarde, seu interesse pelo movimento modernista levaria à singularização de sua obra, concebida sob argumentos cada vez mais ousados.

Em 1929, Portinari viaja para a Europa e visita vários países nos dois anos de sua estadia no Velho Mundo. Em 1936, executa seus primeiros painéis no Monumento Rodoviário Rio de Janeiro-São Paulo, que representam um marco na sua pintura. Passa, então, a se dedicar aos murais e afrescos, com recorrentes temas sociais.

A grande maioria de seus trabalhos em painéis se encontra em Minas Gerais, entre eles, o conjunto realizado para a Igreja de São Francisco de Assis, em Belo Horizonte. “O painel do edifício Clube Juiz de Fora se situa como um prolongamento da experiência do artista com painéis por ele realizados para o prédio do Ministério da Educação e Cultura, no Rio de Janeiro, entre 1940 e 1945. Neles, elementos marinhos, como conchas e cavalos-marinhos, se repetem, simulando o movimento do mar através de tonalidades azuis que passeiam pela superfície dos azulejos”, explica Maraliz, ressaltando o fato de tais painéis não trazerem o compromisso com os grandes temas sociais.

Portinari foi um dos pintores brasileiros a alcançar maior projeção internacional, chegando a inaugurar dois painéis – *Guerra e Paz* – na sede da ONU, em Nova York (1956). Faleceu em 1962, intoxicado pelas mesmas tintas que lhe brindaram com o prestígio.

GA

ENTREVISTA MARCELO MISAILIDIS

Além de primeiro bailarino do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, Marcelo Misailidis já se dedicou à direção daquele corpo de balé. O envolvimento do artista com Juiz de Fora surgiu em função da parceria “incondicional” com Danielle Marie Uhebe, com quem mantém uma escola de dança desde 1996, na cidade. Amizade marca também o relacionamento pessoal e profissional de Misailidis com a bailarina Ana Botafogo, parceira em inúmeros espetáculos.



A formação do bailarino clássico é, muitas vezes, exigente. Chegou a se interessar por alguma outra manifestação artística?

A minha intenção, desde que decidi aprender balé, sempre foi a dança clássica, por se tratar de uma linguagem estética elegante, cujo repertório tem excelentes obras musicais e enredos de conteúdos às vezes muito bons. Acho que este universo poético do erudito é o que mais me fascinou e o que me levou a não me interessar por outras linguagens de dança.

A dança já lhe ocasionou algum tipo de privação?

Jamais. Acredito que o equilíbrio da vida do homem e do profissional em questão é fundamental para a obtenção de um artista completo, porque, sem a vivência e a observação de um cotidiano pleno, não há como retratar aquilo que se privou de experimentar e viver, ou ao menos presenciar, sob algum ponto de vista.

Vivendo já há algum tempo no Brasil, considera-se mais brasileiro que uruguaio?

Acredito que ninguém pode esquecer algo que um dia amou, mas pode vir a amar algo novo ainda muito mais do que o anterior. Assim se dá, amamos tudo aquilo que do país vive em nós, e hoje em dia quase tudo é do Brasil. No entanto, haverá sempre respeito e uma consideração especial pela pátria-mãe, por mais que esta não tenha sido plena e não tenha correspondido a todos os nossos sonhos. Para mim, ela se foi cedo demais.

Dançar e lecionar são ofícios singulares. Quais são as minúcias de cada ocupação?

Dançar e lecionar são capacidades distintas que podem se complementar, mas, necessariamente, um bailarino pode não ser um bom professor pelo fato de ter dançado, e um professor pode até ser bom profissional sem ter feito grande carreira artística. Acredito que o ideal seria que o professor tivesse minimamente experimentado a dança no seu corpo e que o bailarino aprofunde seu conhecimento e formação se preparando para desafios que vão além da sua particular experiência com o corpo e a dança.

Com o advento da dança contemporânea, quais são os caminhos para o balé clássico?

A dança clássica ainda é a referência estética e de linguagem mais completa na formação do corpo de um bailarino. Nas principais companhias de dança do mundo, a preparação básica sempre será um método acadêmico. A dança contemporânea existe desde o século passado com Nijinsky, Pina Bausch, a moderna Martha Graham, Maurice Bejart, Roland Petit, entre outros, e muitos deles quase sempre trabalharam com bailarinos clássicos.

GA

AGENDA

CINE-THEATRO CENTRAL

Praça João Pessoa, s/nº.
(32) 3215-1400
www.theatrocentral.ufff.br

08.08, 18h *A praça é nossa*
20.08, 21h *A vingança de Milongaaaaaaa!!!*, Loló Neves
28.08, 20h *Marcelo Adnet*
29.08, 20h *As pontes de Madison*, Marcos Caruso e Denise Del Vecchio

FORUM DA CULTURA

Rua Santo Antônio, 1.112
(32) 3215-3850
www.forumdacultura.ufff.br
Terça a sexta: 14h às 20h30

MUSEU DE CULTURA POPULAR

03.08 a 03.09 *Folclore Brasileiro*

GALERIA DE ARTE

03.08 a 15.08 *Do início ao meio*
17.08 a 29.08 *Mulheres do Ateliê*

SALA DE VÍDEO

13.09, 19h *Banda GOYA*, Lançamento de videoclipe

MAMM

MUSEU DE ARTE
MURILO MENDES
Rua Benjamin Constant, 790
(32) 3229 9070
www.mam.ufff.br
Terça a sexta: 10h às 18h
Sábados e domingos: 13 às 18h

EXPOSIÇÕES

Esculturas na coleção
Murilo Mendes
Galeria Poliedro

MAURICIO BENTES – Esculturas

Galeria Retratos-relâmpago

FAYGA OSTROWER: a música

silenciosa da gravura
Galeria Convergência

MUSICAMAMM

Danièle Espindola, Apresentação de piano solo

DIÁLOGOS ABERTOS

25.08, 20h *Miltinho Brito*

LEITURAS TEMÁTICAS

12.08, 19h Lançamento do livro *Deus sabe de tudo e não é dedo-duro, e outras histórias*, Juliano Nery.
19.08, 19h Lançamento do livro *Código Morse*, Beatriz H. Domingues e Peter L. Blasenheim.

CINEMAMM

27.08, 20h *Joãozinho do Ritmo*, Adriano Medeiros



DIÁLOGOS ABERTOS RESGATE DA HISTÓRIA

Em seu quarto ano de realização o *Diálogos Abertos* se consolidou como um projeto de importância incontestável para a preservação da memória de Juiz de Fora. Desenvolvido pela Pró-reitoria de Cultura, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), o programa é realizado no auditório do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), tendo por objetivo resgatar e registrar a história da cidade por meio dos depoimentos gravados a cada edição do projeto.

Este é o mote para a escolha dos convidados do *Diálogos Abertos* – personalidades cujas trajetórias contribuíram para o cenário sócio-cultural da cidade. Seis entrevistadores, conhecedores da obra do convidado, o instigam a compartilhar suas experiências profissionais e pessoais com o público. Desde outubro de 2007, quando o projeto começou a ser realizado, foram 39 convidados em 37 edições.

Profissionais de teatro, política, música, literatura, jornalismo, cinema, artes plásticas, educação e arquitetura já deixaram seus depoimentos e, por meio destas vozes, vai se reconstruindo a história da cidade. Para a escritora Rachel Jardim, convidada do projeto em 2009, esse movimento é essencial. “Mais valiosa que a proteção de erigir uma muralha é proteger a memória de uma cidade. Ela é a sua grande defesa. Perceber o que a cidade foi é também enxergar o que ela será. Passado e futuro são uma coisa só”, analisa a autora de *Os Anos 40*.

Para aqueles que já não vivem mais na cidade, a participação no projeto é também uma oportunidade de voltar às suas origens. “Acompanhava o projeto apenas pelo Palco. Foi ótimo receber o convite, porque minha relação com Juiz de Fora não se limitou a estudar na cidade, na Universidade Federal, mas foi também onde comecei a me interessar pela literatura e conheci diversas pessoas. Com o convite, pude rever amigos e pessoas que não via há muitos anos. Foi uma experiência extremamente satisfatória”, relata o escritor Luiz Ruffato.

Muitas vezes, as posições se invertem, entrevistados se tornam entrevistadores e vice-versa, como é o caso do escritor Edmilson de Almeida Pereira, que esteve presente como entrevistador no encontro com Ruffato e foi também entrevistado pelo amigo escritor. Para Edmilson, suas participações no *Diálogos Abertos* são, de fato, “a continuação de uma grande conversa e um ambiente favorável ao surgimento de novas questões, até aquele momento ocultas”.

Os encontros entre público, obra e artista são comumente marcados por momentos de forte emoção, tanto para o convidado que compartilha suas experiências, quanto para quem as presencia. O jornalista Leonardo Toledo, que esteve presente como entrevistador em três edições do *Diálogos*, ressalta alguns destes momentos: “O depoimento do Jorge Couri (fotógrafo) ficou bem marcado para mim. Ele contou em detalhes como era o jornalismo em Juiz de Fora entre os anos 1950 e 1980. Foi uma aula que me enriqueceu muito. Também fiquei impressionado com o clima de emoção no depoimento do Carlos Bracher. A plateia estava lotada, e as pessoas faziam questão de demonstrar seu carinho pelo pintor”, lembra-se.

Uma das motivações centrais do projeto é o registro para a posteridade, ressaltando a relação inerente entre passado e futuro. “Num momento em que se exige do jornalismo cada vez mais brevidade, além de rapidez e

agilidade, um registro pausado, longo e reflexivo deixa para as próximas gerações um material mais completo sobre personalidades da nossa cultura”, opina a jornalista cultural Fernanda Fernandes, que participou como entrevistadora em uma das edições do *Diálogos Abertos*. Para Luiz Ruffato, um projeto como este cumpre uma função que é essencial para a sociedade – o cultivo da memória como forma de aprendizado para a população. “Temos uma relação complicada com a memória no Brasil. Um pouco porque somos um país novo, jovem e uma sociedade que não dá muita importância a esse tema”, constata.

Você nasceu para ser eterno? Nasceu, pois você tem uma alma que faz coisas eternas, uma alma que produz arte, que produz beleza, que produz coisas imperecíveis.

Rachel Jardim

A meu ver, há uma consequência séria causada pelo medo da censura: criamos uma geração jornalística temerosa, que não gosta de assumir a informação.

Wilson Cid

Eu gostava de arquitetura e a ela me dediquei porque pensava que um mau engenheiro faz menos mal do que um mau arquiteto.

Arthur Arcuri

Eu acredito muito que nós temos um país maravilhoso e que, portanto, só falta a gente mudar esse país para que ele se torne o país dos sonhos de todos nós.

Luiz Ruffato

DEPOIMENTOS EM LIVRO

Registrado em áudio e vídeo, o material recolhido pelo projeto nos últimos anos já constitui um acervo de grande validade para a cidade. “O trabalho é rico não só pelo conteúdo das entrevistas, mas também pelo registro audiovisual: capta a imagem, a voz e a emoção dos entrevistados. Gostaria de ressaltar o caso do engenheiro Arthur Arcuri, que morreu há pouco mais de um mês. Muitas das histórias que ele contou na gravação teriam se perdido caso não houvesse o projeto”, ressalta Leonardo Toledo. As gravações em áudio já começaram a ser articuladas em uma publicação cujo primeiro de seus três volumes deverá sair ainda no segundo semestre deste ano. O livro conterá entre oito e nove depoimentos, alternando personalidades de áreas distintas e dispostas em ordem não cronológica. Para o Pró-reitor de Cultura da UFJF e idealizador do projeto, José Alberto Pinho Neves, o *Diálogos Abertos* oferece alternativas para sua veiculação, além da publicação dos livros. “O projeto cumpriu um grande trabalho até o momento e seu material pode servir de base para programas da Rádio e da futura TV Universitária, dinamizando ainda mais seu uso pela comunidade”, declara.

MF